



Novo salário mínimo de R\$ 1.621,00 é uma miséria *Lutemos por um salário mínimo vital*

O novo salário mínimo para 2026 decretado pelo governo Lula, com apoio de todos os partidos de oposição burguesa no Congresso, entrou em vigor no dia 1º de janeiro. Foi de R\$1518,00 para R\$1.621,00. Um reajuste de apenas 6,79%. Segundo o IBGE, cerca de 35% dos trabalhadores assalariados recebem até 1 salário mínimo por jornada de trabalho. E cerca de 60 milhões de brasileiros têm sua renda referenciada no salário mínimo (trabalhadores formais, domésticas, autônomos, aposentados e beneficiários do INSS).

O novo salário mínimo condena os trabalhadores à miséria. Passa longe de atender as necessidades básicas das famílias como: alimentação, vestuário, aluguel, água, luz, internet, lazer etc. Segundo o DIEESE, o salário mínimo para manter uma família de quatro pessoas deveria ser de R\$7.177,57.

As centrais sindicais, como a CUT, não organizam qualquer luta pelo aumento do salário mínimo, porque apoiam o governo. O governo Lula e a oposição burguesa liderada pelo PL de Bolsonaro aprovam e estão de acordo que o salário mínimo continue uma miséria, porque

representam os interesses dos patrões, dos empresários que financiam suas campanhas eleitorais. Por isso, entra governo e sai governo e o salário mínimo continua uma miséria.

Está aí por que a classe operária e demais trabalhadores não devem ter nenhuma ilusão nas eleições, nem nos partidos da burguesia, sejam de direita, ultradireita, ou os ditos de esquerda. Devemos acreditar apenas em nosso método próprio de luta que são a greve, a ação direta e coletiva, para impor ao governo e aos patrões nossas reivindicações.

O Boletim Nossa Classe, do Partido Operário Revolucionário, chama os operários e operárias a exigir que as centrais e sindicatos rompam com o governo burguês de Lula e convoquem assembleias gerais em todos os setores, para aprovar um Dia Nacional de Luta, como preparação da greve geral, para colocar fim ao salário mínimo de fome e defender: um salário mínimo vital, que cubra todas as necessidades da família trabalhadora; emprego a todos, por meio da redução da jornada, sem redução de salários; colocar abaixo as contrarreformas trabalhista, previdenciária e a Lei da Terceirização.

Greve geral na Argentina demonstra rejeição da maioria oprimida à reforma trabalhista de Milei

O governo antinacional e antipopular enfrentou quatro greves gerais. Mas, a ocorrida em 18 de fevereiro foi a mais ampla e contundente de todas. Manifestações anteriores a precederam. A brutal repressão não fez senão convencer ainda mais os trabalhadores de que a greve geral era e é o único caminho para derrubar no Congresso Nacional o projeto da reforma trabalhista e derrotar a ofensiva antioperária do governo Milei.

A delimitação de 24 horas decidida pela Confederação Geral do Trabalho (CGT), no entanto, mostrou ao governo e seus partidários no parlamento que a burocracia sindical não estava por expressar a revolta da maioria dos assalariados. O balanço feito pelo presidente da CGT, Jorge Solla, foi de que mais de 90% das atividades foram paralisadas. O problema está em como retomar a greve geral por tempo indeterminado.

As consequências nefastas para a economia já tem sua primeira contabilidade. Segundo informações, nos

últimos dois anos foram fechadas 21 mil empresas e destruídos cerca de 300 mil postos de trabalho. A Argentina está passando há algum tempo pelo processo de desindustrialização. Cabe notar que a indústria da Argentina é mais avançada que a do Brasil. O desemprego e a informalidade continuarão a crescer.

A contrarreforma trabalhista vem ao encontro dos interesses das multinacionais e dos capitalistas nacionais que procuram manter a sua lucratividade destruindo antigos direitos trabalhistas conquistados a duras penas pelo movimento operário e popular.

O Partido Operário Revolucionário da Argentina (POR), seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, tem trabalhado sistematicamente para que a classe operária encarne seu programa próprio e protagonize a luta de classes contra as forças burguesas externas e internas, que servem à brutal exploração e aos interesses do imperialismo.

Abaixo as sanções econômicas contra Cuba!

Pela liberdade de vender petróleo ao país

Derrotar a ofensiva de Trump com uma frente única anti-imperialista

O terrível agravamento do bloqueio dos EUA contra Cuba é um ataque contra todos os oprimidos da América Latina e do mundo. A Revolução Cubana é uma bandeira da luta dos povos contra a opressão e contra o imperialismo. O imperialismo teve que conviver com a materialização da possibilidade de que a Revolução podia triunfar num país atrasado e sob o nariz do império. Sobreviveu graças à luta de seu povo e à solidariedade de todos os oprimidos. A Revolução enfrentou e suportou 64 anos de bloqueio ininterrupto, invasões, sabotagem e ameaças constantes.

A política de Trump é forçar a queda do regime, a rendição de Cuba por asfixia, deixando-a sem petróleo. Cortou, desde o início de janeiro, o fornecimento de petróleo venezuelano. “Cuba está prestes a cair”, “deveria fazer um acordo com os EUA antes que a situação piore”, disse Donald Trump. Em 29 de janeiro, ele assinou uma ordem executiva declarando Cuba uma “ameaça à segurança” e impondo tarifas a qualquer país que lhe vendesse combustível.

A crise já dura muitos anos, mas agora atingiu seu ponto mais crítico, o país está praticamente paralisado, a escassez de petróleo em Cuba coloca em risco serviços essenciais em todo o país, forçando medidas emergenciais, como a suspensão do transporte público, aulas em universidades e cirurgias não essenciais. Há uma crise de saúde aguda, vizinhos queimam cabos, plásticos, pedaços de tecido e qualquer coisa que encontrem para acender fogo. Além disso, os preços subiram e o peso cubano está despencando, agravando as diferenças sociais com aqueles que têm acesso a moeda estrangeira.

O cerco do petróleo impactou o turismo, uma das principais fontes de renda. Para economizar energia, no meio da alta temporada, mais de uma dúzia de hotéis foram fechados e as companhias aéreas foram informadas de que não há combustível disponível para aviões em seus nove aeroportos internacionais por pelo menos um mês. Companhias aéreas canadenses e russas suspenderam suas conexões.

Da ONU se denuncia: “As unidades de terapia intensiva e as salas de emergência foram afetadas, assim como a produção, fornecimento e armazenamento de vacinas, produtos sanguíneos e outros medicamentos sensíveis à temperatura. Em Cuba, mais de 80% dos equipamentos de bombeamento de água dependem de eletricidade, e quedas de energia estão prejudicando o acesso à água potável, saneamento e higiene”. Também mencionaram a interrupção do sistema de racionamento de alimentos, que afetou os “grupos mais vulneráveis”.

A porta-voz do escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, Marta Hurtado, ressaltou que “as sanções unilaterais dos EUA não respeitam os direitos humanos dos cubanos. Suas ações não estão de acordo com a Carta das Nações Unidas ou com o direito internacional.” A declaração mostra tanto as graves consequências do bloqueio quanto a incapacidade de tomar qualquer ação para remediá-lo.

Em 2003, a intervenção de Hugo Chávez protegeu Cuba. Assinou uma aliança pela qual a Venezuela enviava 100.000

barris de petróleo por dia em troca da “exportação de serviços profissionais” (enviando médicos, professores, treinadores esportivos e soldados cubanos). Hoje, a Venezuela está sendo transformada em uma colônia dos Estados Unidos que não envia uma gota de petróleo para Cuba e, em vez disso, já abastece Israel.

O ataque a Cuba faz parte de uma ofensiva geral dos Estados Unidos que há pouco bombardearam a Venezuela e sequestraram o presidente Maduro e sua esposa. Que manteve o Mar do Caribe bloqueado com sua poderosa frota por meses, atacando inúmeras embarcações e matando dezenas. Que interveio militarmente no Canal do Panamá para se apropriar dele. Que ameaça tomar a Groenlândia. E ameaçou México, Colômbia e Brasil. Que agora transferiu seu poder militar diante das costas do Irã numa tentativa de impor um acordo nuclear à força. Que continua sustentando o genocídio em Gaza. Que intervém abertamente na Nigéria... Os EUA atuam como gendarmes do mundo, querendo recuperar seu peso hegemônico e tentando sair de sua profunda crise.

É importante a solidariedade material de alguns países. Discursos e denúncias dramáticas não são suficientes. O México enviou dois navios com 800 toneladas de comida e ofereceu estabelecer uma ponte aérea humanitária. A Rússia prometeu fazer um carregamento de combustível. Mas o México até agora cedeu à pressão dos EUA e suspendeu os embarques. O governo brasileiro está apenas discutindo como enviar ajuda humanitária. Mas O ESSENCIAL HOJE É O PETRÓLEO. Países amigos e solidários, que têm produção, precisam enviar o petróleo de que precisam desesperadamente. É a forma concreta de quebrar o cerco criminoso de Trump. Cada dia que passa é um inferno para a maioria dos cubanos. E é uma afronta aos explorados e oprimidos da América Latina.

A classe operária, os trabalhadores, os estudantes, os camponeses devem pôr em pé uma Frente Única Anti-imperialista em cada país e unir nossas lutas em escala continental para enfrentar a ofensiva terrorista de Trump e exigir que seus governos enviem petróleo para Cuba. É necessário um amplo movimento de denúncia e solidariedade para defender a Revolução Cubana.

A intensificação de bloqueios, ameaças, guerras comerciais, ataques militares, expõe a impotência de governos que se autodenominam progressistas, reformistas, nacionalistas ou antineoliberais. Todos mostram suas limitações, sua covardia, sua incapacidade de enfrentar a prepotência internacional. Não devemos ter nenhuma ilusão neles. Não podem defender sua própria soberania, conseqüentemente, acabam virando as costas para a vontade de luta dos oprimidos.

A classe operária deve dirigir a revolta dos povos oprimidos, sob uma perspectiva anti-imperialista e anticapitalista. Nenhuma outra classe pode substituí-la. Por isso, é urgente resolver sua crise de direção em cada país e internacionalmente, reconstruindo a Quarta Internacional como o Partido Mundial da Revolução Socialista.